

ATOS RESPONSÁVEIS E INTERSUBJETIVIDADE: UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE FAZER JUNTO

RESPONSIBLE ACTS AND INTERSUBJECTIVITY: AN ACADEMIC PATH TO DO TOGETHER

Marco Antonio Villarta-Neder¹

Resumo: O objetivo deste artigo é estabelecer um recorte que construa uma reflexão sobre a trajetória e as contribuições do sujeito acadêmico João Bôsko Cabral dos Santos, homenageado nesse dossiê. Tal discussão é empreendida a partir do referencial teórico, epistemológico, metodológico e axiológico do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Tal reflexão põe-se em andamento a partir dos conceitos bakhtinianos de enunciado, memória do passado/memória do futuro e ato responsável. A partir deles, constrói-se a perspectiva de que o mais marca a trajetória do sujeito acadêmico homenageado é um *fazer junto*, *responsável* e alteritário.

Palavras-chave: ato responsável; João Bôsko Cabral dos Santos; trajetória acadêmica

Abstract: The objective of this article is to establish a clipping that builds a reflection on the trajectory and the contributions of the academic professor João Bôsko Cabral dos Santos, honored in this dossier. Such discussion is undertaken from the theoretical, epistemological, methodological and axiological referential of the Circle of Bakhtin, Medvedev and Volóchinov. Such reflection is in progress from the Bakhtin concepts of utterance, memory of the past / memory of the future and responsible act. From them, the perspective that the mostly marks the trajectory of the academic subject honored is constructed is a joint, responsible and alteritarian responsible act.

Key-words: responsible act; João Bôsko Cabral dos Santos; academic trajectory

A que vem esse texto

Para uma abordagem estética da existência interior do outro, é preciso, em primeiro lugar, não crer ou ter esperanças nele, mas aceitá-lo em seus valores; é preciso não estar com ele e nele, mas fora dele (...) (BAKHTIN, 2011, p. 144).

Opto por escrever esse artigo majoritariamente na primeira pessoa do singular. Entendo que o ato responsável que exerço neste espaço acadêmico trata de uma trajetória de um sujeito acadêmico (Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos), a partir de um recorte de acontecimentos e enunciados que só fazem sentido de uma perspectiva inescapavelmente intersubjetiva.

¹ Professor Associado da Universidade Federal de Lavras. Docente dos programas de Pós-graduação em Letras, Ensino de Ciências/Educação Ambiental e Mestrado Profissional em Educação. Líder do grupo de pesquisa GEDISC/UFLA (Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin). E-mail: marcovillarta@yahoo.com.br

É do lugar do referencial do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov que escrevo. Desse ponto de vista, axiologicamente, sujeitos só se constituem na relação com outros sujeitos, vendo-se de uma exterioridade que permite a que vejam sua posição no mundo. Sujeitos concretos, mutuamente responsáveis por outros sujeitos, na alteridade, na “tensa luta dialógica” (Bakhtin, 2011, p. 379-380). Nessa arena, as palavras-outras, do outro, vão se tornando próprias, pela construção de fronteiras tênues.

O recorte que escolho aqui é o de empreender, a partir do conceito bakhtiniano de enunciado/enunciação (*vyskazyvánie*), um diálogo retrospectivo e projetivo entre dizeres, fazeres, compreensões e silêncios (Villarta-Neder, 2018 a partir do conceito de autores do Círculo). Assim, tenho como objetivo discutir como conceitos, projetos, agires e lacunas do trabalho de João Bôsko Cabral dos Santos constitui essa dialogicidade dialética que constrói outros sujeitos e propõe – provocativamente – outras compreensões do campo teórico-epistemológico de teorias do discurso, do fazer acadêmico e da formação de professores e pesquisadores no âmbito da área de Letras.

A motivação de tal recorte não tem como não ser assumida senão como um depoimento de um sujeito acadêmico que tem essa trajetória como um *leitmotiv* precioso e qualificado de diálogo e construção conceitual e de luta por concepções acadêmicas e, finalmente, por maneiras de conviver no exercício do ensino-aprendizagem e da pesquisa.

A relevância reside na possibilidade de refletir-se sobre uma trajetória de trabalho e constituição de um modo de ver alguns fenômenos do mundo e da linguagem como uma arquitetura que provoca outros gestos, estimula outras empreitadas e faz acreditar na possibilidade de outros caminhos. Não é um exercício de elogio gratuito. Proponho-me a dialogar com essa palavra-outra de um *projeto de dizer* (*речевая воля - rietchváia vólia*) que sempre buscou a alteridade e a provocação de um desconforto constituinte do outro, como responsabilidade necessária.

Memória do passado, memória do futuro...

“[...] todo objeto de discurso e de conhecimento é portador de memória, pois ao ser falado é, antes de mais nada, já falado por outros que vieram antes de mim.” (AMORIM, 2009, p. 12)

Mikhail Bakhtin, em vários momentos de sua reflexão, apresenta a memória nessa dimensão retrospectiva (memória do passado) e projetiva (memória do futuro). Embora tais conceitos tenham sido engendrados inicialmente para a reflexão estético-literária, o próprio Bakhtin, como é usual em sua produção intelectual, não dissocia a dimensão ética da dimensão estética.

O autor russo, em sua *Estética da Criação Verbal*, diz:

[...] uma obra não pode viver nos séculos futuros se não reúne em si, de certo modo, os séculos passados. Se ela nascesse *toda e integralmente* hoje (isto é, em sua atualidade), não desse continuidade ao passado e não mantivesse com ele um vínculo substancial, não poderia viver no futuro. Tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele. (BAKHTIN, 2011, p. 363 – destaques do autor).

Portanto, há a mesma condição inter-relacional do diálogo, do enunciado. É no encadeamento sem começo nem fim, no Grande Tempo, que esse abraço do passado e do futuro vão constituindo o presente, concreto, singular e único.

Justifico, assim, a necessária visada para acontecimentos e enunciados (como dizeres, fazeres, compreensões e silêncios) que foram constituindo o sujeito acadêmico homenageado nesse dossiê e este sujeito acadêmico que, na delimitação desse capítulo, empreende esse recorte.

O primeiro acontecimento que ressalto, como memória do passado, foi a convivência com o então aluno de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Foi lá, na convivência de colegas, que foi amadurecendo uma concepção fazer acadêmico participativo e explicitamente alteritário. Como noções – então bizarras aos olhos do *establishment* acadêmico canônico – como pesquisa na graduação, compromisso recíproco entre pesquisa e ensino, tanto na formação universitária, quanto no trabalho do professor na Educação Básica.

Nesse período de formação, vi um grupo de jovens pesquisadores (na idade e na fase acadêmica) acreditar nas impossibilidades. A dialética das idas e vindas das políticas de governo na educação brasileira permitiu a vários desses jovens pesquisadores ingressarem, por concurso, em universidades públicas. O desprestígio da

carreira tornou os concursos pouco atrativos e permitiu que recém mestres e mestrandos em final de processo pudessem ter acesso.

Tive a oportunidade de participar desse ingresso juntamente com o professor João Bôsko Cabral dos Santos e outros tantos, especificamente na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Ele, recém mestre, desde o início, exerceu uma liderança acadêmica e uma atitude propositiva. Sempre se pôde ver nele uma memória de futuro, um projeto de educação, de sociedade e de fazer acadêmico muito claros e, sempre, inevitavelmente, includentes.

Suas primeiras construções em termos de projetos foram o SADELE (Seminário Acadêmico dos Estudantes de Letras) e o GAESI (Grupo Acadêmico de Estudos Interdisciplinares). Pouco depois, surgiu um projeto de extensão chamado Espaço-Interação. O SADELE, escandalosamente para a época, era um evento de apresentações de trabalhos de alunos de graduação em Letras, a partir de leituras orientadas. Não era, ainda, um momento de Iniciação Científica como um fazer com algum grau de autonomia por parte dos graduandos.

O GAESI consistia em reuniões semanais de discussões a partir de leituras que permitissem refletir, sob um olhar interdisciplinar, sobre questões a respeito da ciência, da educação, da formação em Letras e de outros tantos temas. As discussões, se analisadas de uma perspectiva enunciativa, sempre demonstraram esse movimento prospectivo e projetivo. A escolha dos textos (Estruturas das Revoluções Científicas, Interdisciplinaridade, A arte de consertar motocicletas) partia de lugares silenciados, surpreendentes, não raro interditados na reflexão acadêmica convencional. E destinavam-se a ser uma provocação (era comum usar-se a metáfora das “batatas quentes” nas reuniões) para que os sujeitos participantes se lançassem a outro lugares (bakhtinianamente, digo hoje, *extralocalizados*, *exotópicos*) que foram construindo trajetórias conceituais, epistemológicas (esse era um tema muito caro ao encaminhamento das discussões e dos argumentos), com um inevitável viés axiológico.

O segundo gesto de memória que quero constituir é o da formação de doutorado. Tendo sido admito na Universidade Federal de Minas Gerais como aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, João Bôsko Cabral dos Santos debruçou-se, a partir do viés da teoria semiolinguística, sobre um objeto de estudo que se tornou um conceito seu: o *Discurso Universitário Institucional*. Há um *continuum* muito coerente

entre os momentos anteriores e esse novo passo em sua trajetória acadêmica. Se anteriormente, esse fazer acadêmico diferenciado fazia parte de suas preocupações, discussões com colegas, leituras, e, depois, projetos, agora o contraponto dessa busca torna-se objeto sistemático de análise de sua tese de doutorado.

Após seu retorno do doutorado, ingressa como docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, na Universidade Federal de Uberlândia, onde já era docente desde 1993. Insere-se na linha de pesquisa *Linguagem, Texto e Discurso*. Até aposentar-se, foram 37 orientações concluídas de mestrado e 6 de doutorado, sem contar 16 de pós-graduação lato sensu (especialização) e 23 de Iniciação Científica. Essa lista não é exaustiva. Há orientações de outra natureza e outros envolvimento em atividades que resultam em orientar, coordenar, integrar pessoas e grupos em atividades reflexivas, dentro de perspectivas acadêmicas mais previsíveis ou não.

Em 2012, faz seu estágio pós-doutoral na UFMG. Quatro anos depois, faz concurso para Professor Titular na própria UFU e, pouco depois, se aposenta.

Durante essa trajetória, nunca deixa de engajar-se na relação entre a Universidade e a Escola Pública, em nível de Educação Básica e, em sua produção teórica, jamais opta por um conforto teórico que pudesse, de seu ponto de vista, tornar o exercício da pesquisa e da reflexão epistemológica um fazer burocrático.

Trabalha com teorias de discurso. Não recusa discutir diversos vieses. Inicialmente constitui o grupo de pesquisa GPAD – Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso. Posteriormente, com o encerramento das atividades deste, funda o LEP – Laboratório de Estudos Polifônicos, ativo até hoje. Foi, aos poucos, e cada vez mais, assumindo-se como um estudioso e, de certa forma, continuador do trabalho do filósofo francês Michel Pêcheux em uma das perspectivas brasileiras que fazemos do trabalho de Pêcheux.

Isso nunca impediu que conhecesse, debatesse e concedesse espaço para leituras comparativas com outras teorias do discurso: referenciais do Círculo de Bakhtin, de Michel Foucault, de Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau, Análise do Discurso Crítica (ou Análise Crítica do Discurso). O próprio nome do LEP é sugestivo. Assumi o conceito de polifonia não porque acreditasse – da perspectiva bakhtiniana – que fosse simplesmente a ocorrência de uma multiplicidade de vozes. Leitor voraz, ético e zeloso dos referenciais teóricos, sabia que o conceito bakhtiniano supunha, também, a

equipolência, plenivalência e imiscibilidade dessas vozes (e consciências). E, embora, fosse assumidamente confesso de sua filiação preferencialmente pecheutiana, tinha uma concepção de espaço aberto a discussões e construções. Sempre teve a polifonia como uma memória de futuro nos trabalhos do LEP.

Finalmente, em sua produção teórica e em suas atividades de orientação, sempre provocou e acolheu a coragem de não se acomodar com os limites estabelecidos anteriormente pelas teorias que estudava ou discutia. Sem abrir mão da compreensão da proposta de cada referencial com que lidava, sempre entendeu que dominar um campo teórico-epistemológico é ter a coragem de explorar seus limites, ampliar seus objetos, repensar seus trajetos metodológicos, reafirmar sua axiologia.

Nunca temeu esforços de formalização em um campo que, ou por renegar um passado estruturalista ou pela incapacidade de dialogar com as áreas de exatas e biológicas, lançou e ainda lança um torto olhar *blasé* para esses exercícios. João Bôsko Cabral dos Santos tem formação para fazer esses exercícios. Tem uma história de estudos anteriores à sua Graduação, que lhe permitem poder escolher se convém ou não propor ou exercitar uma formalização teórica. Coisa que a imensa maioria de nós, no campo das Letras, não tivemos a oportunidade e a ocasião de vivenciar enquanto formação.

Feito esse gesto de memória, na próxima parte deste texto, pretendo analisar, a partir de um recorte, a produção teórica do homenageado.

Para não dizer que não falei das teorias

Para discutir, enquanto recorte, uma característica que, do ponto de vista da convivência acadêmica, sempre chamou a minha atenção, vou recorrer, inicialmente, à noção bakhtiniana de *acontecimento/evento*. Há uma palavra em russo, *событие* (*sobytie*), que pode ser traduzida tanto por *acontecimento*, quanto por *evento*. Ainda utilizada cotidianamente na Rússia, foi usada pelos autores do Círculo, especialmente, por Mikhail Bakhtin, principalmente em *Para uma filosofia do Ato Responsável* (142 vezes) e em *Estética da Criação Verbal* (310 vezes). Essa palavra apresenta uma particularidade, que tem que ser levada em consideração na tradução. É derivada da palavra *бытие* (*bytie* - ser, existência), precedida pelo morfema *co* (procedência, estar

junto, vir de fora para o centro). *Событие* remete a algo que ocorre no mundo, mas enfatizando a vivência conjunta desse evento, a um *fazer junto*.

É muito frequente, principalmente em *Para uma filosofia do Ato Responsável*, Bakhtin colocar as duas noções (acontecimento/evento e ser/existência) em relação direta. Tatiana Bubnova faz uma explicação conceitual (a partir da tradução e das implicações dessas noções e dessa escolha morfossintática de Bakhtin) que importa bastante à discussão que empreendo aqui:

O que acontece entre nós, entre o “tu” e o “eu”, é um “acontecimento do ser”, um “aconteSer”, um fato dinâmico aberto que tem caráter de interrogação e de resposta ao mesmo tempo, e uma projeção ontológica: o “acontecimento do ser” é, em russo, *sobytie bytia*, um “ser juntos no ser”. (BUBNOVA, 2011, p. 5)

Essa noção, com as nuances da língua russa, me importa, aqui, porque quero abordar uma face do trabalho de João Bôsko Cabral dos Santos enquanto *acontecimentos*. Vivi, repetidas vezes, discussões, desenvolvimento de projetos conjuntos, leituras e escutas de trabalhos seus e de seus orientandos, em que havia esses eventos/acontecimentos como fazer junto. O que mais destaco é a procura destemida, obstinada, mas, ao mesmo tempo, sempre crítica e criteriosa, de tomar como possível e desejável o diálogo entre referenciais teórico-epistemológicos diferentes.

Lembro-me, por diversas vezes, daqueles jovens mestrands da Unicamp, ciosos de uma acuidade e compatibilidade epistemológica, discutirem a possibilidade e a necessidade de, sem abrir mão desses cuidados, ousarem arriscar-se em fronteiras instáveis entre diferentes referenciais.

Em sua tese de doutoramento, João Bôsko Cabral dos Santos justifica-se:

Esses conceitos, por sua vez, se constroem numa heterogeneidade teórica porque contemplam elementos de diferentes referenciais acadêmicos. Entretanto, eles estão situados em uma familiaridade epistemológica convergente e compatível em sua gênese filosófica, porque foram tecidos a partir de um lugar discursivo distinto – a TS – no olhar para um espaço discursivo, também distinto – a universidade enquanto instituição acadêmica. Além disso, tal conceituação é dicotomizada numa sincronia/diacronia teórico-pragmática, delineada pela natureza dos acontecimentos discursivos que serviram de referência no processo de concepção, tais sejam: os artigos científicos, as reformas curriculares, ou ainda, a dinâmica das ações acadêmicas representadas através das resoluções. Dessa maneira, a extensão conceitual, decorrente da dialética e da heterogeneidade dessas condições, origina sinais discursivos indicadores de categorizações, taxinomias e

deslocamentos terminológicos. É nesse amálgama de condições enunciativas que pretendemos instaurar essa descrição teórica do DUI, ora referencializando o empirismo de ocorrências, ora constituindo referências outras, a partir de uma interpretação desses acontecimentos. (SANTOS, 2000, p. 20-21)

A relevância de seus estudos sobre o Discurso Universitário Institucional advém, em grande parte, dessa disposição para a complexidade conceitual que, embora com seus compreensíveis riscos, debruça-se de maneira mais adequada em relação a um fenômeno multifacetado. O próprio objeto de análise constitui-se de uma heterogeneidade de referenciais, de posicionamentos e de constituições sujeitudinais e sentidurais (para usar uma adjetivação conceitual que aprendi também com Santos) que dificilmente seria abordada com profundidade e com eficácia sem que essa heterogeneidade fosse contemplada no próprio exercício teórico-epistemológico.

Essa maneira de olhar e constituir-se como sujeito acadêmico não para em sua tese de doutorado. Em uma publicação de 2005, que reúne a produção e a trajetória acadêmica do NAD – Núcleo de Análise do Discurso, grupo de pesquisa sediado na UFMG, do qual João Bôsko Cabral dos Santos fez e faz parte, ele em seu artigo (foi também coorganizador da publicação), chama essa postura de *transversalidades discursivas*:

Nessa perspectiva, as transversalidades discursivas têm se constituído como uma base contextual de investigação acerca da instauração dos discursos nos processos enunciativos. Nossa proposta é pontuar algumas dessas transversalidades, evidenciando as contribuições de ordem epistemo-pragmáticas no fortalecimento da linha de pesquisa ‘Análise do Discurso’ do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG. (SANTOS, 2005, p. 33)

Essa compreensão sempre foi a tônica de seu trabalho, seja em publicações, apresentações de trabalho, participações em bancas de defesa de mestrado/doutorado, seja na dinâmica de condução dos trabalhos do LEP – Laboratório de Estudos Polifônicos, grupo de pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, que por muito anos liderou.

Outro aspecto digno de nota na trajetória de Santos é o enfrentamento da possibilidade de formalização conceitual em conceitos discursivos. Tal processo acabou tornando-se um tabu a partir da recepção e revisão, no campo pecheutiano, do modelo

de Michel Pêcheux em *Análise Automática do Discurso*, publicada em 1969. João Bôsko Cabral dos Santos nunca abriu mão de ousar reflexões – sempre em rediscussão – de possíveis metáforas e formalizações gráficas e formulaicas de conceitos processuais e enunciativos.

Nessa empreitada, vários colegas e alguns orientandos também bancaram tal ousadia. É o caso de Rosa (2013). Na introdução de sua tese de doutorado, intitulada *Processos de subjetivação e percursos de sentiduralização na discursividade literária em Lygia Fagundes Telles*, orientada por João Bôsko Cabral dos Santos e da qual participei como membro da banca de defesa, o autor da tese diz:

Valendo da técnica do recorte (ORLANDI, 1984), da noção de N-essência (SANTOS, 2007) e N-essência em duplo-hélice (FERREIRA-ROSA, 2009), construiremos o dispositivo analítico nonessencial em triplo hélice, um mecanismo epistemológico por meio do qual associaremos conceitos-operadores de movimentação de planos horizontais, verticais e transversais, construindo combinações de elementos constituintes, constituídos e constitutivos do funcionamento discursivo. Com efeito, um dispositivo que representa uma escolha teórico-conceptual diretamente relacionada aos propósitos analíticos de nosso estudo e à delimitação da materialidade linguística que investigaremos analítico-discursivamente. (FERREIRA-ROSA, 2013, p. 66).

Esse modelo foi, com colaboração entre FERREIRA-ROSA e SANTOS, desenvolvido a partir das relações de empuxo/sustentação das asas de um avião. Essa condição alegórica de construção de conceitos e esse esforço de formalização gráfico-matemática sempre foram provocações frutuosas do trabalho de João Bôsko Cabral dos Santos. Em seguida, vou abordar essa trajetória de contribuição do ponto de vista axiológico.

O não-álibi de responsabilizar(-se) junto

Sinto-me confortável em rememorar a trajetória de João Bôsko Cabral dos Santos com esse diálogo de referenciais. Ele, na inquietude de quem percorreu vários, mas foi-se assentando no terreno da Análise do Discurso a partir da inspiração do trabalho também inquieto de Michel Pêcheux, na França, que teve e tem tantas ressonâncias no Brasil.

Eu, de uma trajetória que se inicia preferencialmente pecheutiana, mas que vai, aos poucos, deixando-se seduzir pelo referencial epistemológico, teórico, metodológico e, decisivamente, axiológico, dos Círculos de Bakhtin, Medviédov, Volóchinov (entre outros russos menos nomeados e as ressonâncias brasileiras e internacionais desses autores).

Desse lugar para onde vou me movendo, em um acabamento sempre provisório e movediço, vou discutir nessa seção, a produção de Santos como *ato responsável*. Esse termo é tradução da palavra russa *postupok*, que consiste em algo como um passo que deixa suas marcas. Daí, por extensão, um responsabilizar-se enquanto ato que marca o sujeito que o realiza.

A implicação mais contundente desse conceito é situar-se no âmbito intersubjetivo do referencial bakhtiniano. É da condição de ver-se de *fora* (*внеаходимость -vnenakhodímost*) que o sujeito pode atribuir-se acabamento, inteireza (*полнота -polnotá*), ainda que de maneira provisória. Bakhtin, ao tratar, em seu livro *Para uma filosofia do ato responsável* (*К философии поступка – K filosofii postupka*), da relação entre individualidade e alteridade, faz uma consideração relevante para a discussão que me interessa aqui:

[...] todos esses momentos estéticos – unidade, integridade, auto-suficiência, originalidade – são transgredientes à individualidade que está sendo determinada: de dentro dela, esses momentos não existem para ela em sua própria vida, ela não vive por eles – em si. Eles têm significado e são realizados por quem se identifica, que está situado *do lado de fora* dos limites daquela individualidade, através do ato de formar e objetivar a matéria cega obtida pela empatia. Em outras palavras, a reflexão estética da vida viva *não é*, por princípio, a auto-reflexão da vida em movimento, da vida em sua real vivacidade: ela pressupõe um outro sujeito, um sujeito da empatia, um sujeito situado do lado de fora dos limites dessa vida. (BAKHTIN, 2010, p. 32)

A trajetória acadêmica do homenageado representa essa condição intersubjetiva, enquanto *ato responsável*. Um ato que não possui álibi, que não admite a indiferença. Minha existência, o evento de eu-estar-sendo na existência é uma inter-relação com outros que me possibilitam o espaço de minha constituição na temporalidade de meu existir. O referencial bakhtiniano nos sussurra, nessa corrente das águas do Grande Tempo, a *estarmos sendo*, a celebrarmos cada acontecimento como algo que nos congrega, que nos faz estarmos juntos (*sobýtie = so + býtie*). Dessa perspectiva,

(re)conhecer-se, conhecer a si e ao outro, ao mundo que é motivo condutor (*leitmotiv*) e construção de nossos atos conjuntos, demanda esse *ver-se de fora* (*vnenakhodímst* – exotopia, distância, extralocalização), retornar para o próprio lugar, já se tornando outro, pelo excedente de ter se visto (como) outro, a partir desse lugar alheio.

Essa dimensão intersubjetiva e responsável, explicitamente sem álibi, perpassa toda a atividade acadêmica de Santos, desde as discussões, os projetos, quanto sua produção mais institucional. Em um artigo de uma coletânea de categoria de análise de Análise do Discurso, organizado pelo Prof. Hugo Mari, João Bôsco Cabral dos Santos dá o tom que finaliza sua contribuição: “Espera-se, com esta reflexão, expandir as fronteiras da Análise do Discurso, com vistas a uma extensão de seu arcabouço teórico, às questões do ensino e da aprendizagem de línguas. (SANTOS, 2000a, p. 44)”

Posso dizer, dentro do que é academicamente possível e adequado a este espaço, que na relação de alteridade minha formação e minha atividade de pesquisador muito se beneficiaram dessa convivência e dessa postura axiológica.

Invoco Bakhtin para compreender alteritariamente essa dimensão:

A identificação estética com o participante de um evento não é ainda a consecução de uma compreensão plena do evento. Mesmo que eu conheça inteiramente uma dada pessoa, e também conheça a mim mesmo, eu ainda tenho de captar a verdade de nossa interrelação, a verdade do evento único e unitário que nos liga e do qual nós somos participantes. (BAKHTIN, 2010, p. 35)

Vejo nesse trecho de *Para uma filosofia do ato responsável* uma justificativa de nossos fazeres juntos. O trabalho de Santos compartilha, como o meu e de tantos outros com quem convive, dessa perspectiva de co-construção, de inevitável oportunidade, como um acontecimento que só pode ser pensado, acadêmica e existencialmente, enquanto essa interrelação que nos liga e nos responsabiliza mutuamente e, ainda mais, nos responsabiliza perante outros (a citação de Santos, logo acima, não se restringe a uma dimensão de pesquisa, mas pressupõe questões de ensino e de aprendizagem de línguas). Na trajetória de Santos, isso sempre implicou um compromisso com a formação de professores, com a concepção de sujeitos-estudantes, numa convivência respeitosa e construtiva, na sala de aula. Enfim, com um compromisso inegociável para com a educação, especialmente a pública.

Da perspectiva que trabalho com o conceito bakhtiniano de enunciado, entendo que ele não se aplica somente a dizeres. Envolve outras instâncias, o que é pertinente para arrematar o recorte que busquei empreender neste artigo:

Trazemos essa consideração de Bakhtin para assumirmos, aqui, uma noção que consideramos não estar explicitamente nos autores do Círculo, mas que entendemos ser plausível como consequência das concepções nas quais eles se fundamentam. Assumimos que, não somente o *enunciado/a enunciação* (*высказывание*) “responde a algo e orienta-se para uma resposta” (Grillo e Américo in VOLÓCHINOV, 2017: P. 357) em termos de signos verbais, mas 1) em termos de quaisquer signos, de quaisquer linguagens; 2) em termos não somente de dizer, em um tal sistema sógnico ou em relações entre sistemas sógnicos, mas também de *fazer* [Também entendemos que essa resposta possa se dar entre signos de presença e signos de ausência, ou seja, em relações que envolvam silêncios.]. Assim, esse circuito retrospectivo (responde a algo) e prospectivo (suscita uma resposta, como compreensão e/ou como outros signos, se daria, em relações *dizer/dizer, dizer/fazer, fazer/dizer, fazer/fazer*). (VILLARTA-NEDER, 2019, nd)

Assim, posso considerar, dentro da dimensão do enunciado, tal como o concebe o Círculo e tal como entendo que posso considerá-lo estender-se, para analisar essa trajetória do sujeito acadêmico João Bôsco Cabral dos Santos. Postulo que esses atos responsáveis de se constituir, fazendo junto, tornando a arena da discussão e da problematização o espaço e o tempo de sua relação com os outros e com o mundo, consistem enunciados, enquanto não somente *dizeres*, mas como *fazeres, compreensões* compartilhadas.

Considerações de uma (não) finalização

Meu objetivo neste artigo foi o de buscar, em um recorte construído a partir do referencial bakhtiniano, refletir sobre a constituição do sujeito acadêmico homenageado nesse dossiê temático. Para isso, procurei estabelecer, em primeiro lugar, uma memória que delineasse a relação intersubjetiva entre o sujeito acadêmico homenageado e o meu espaço de convivência acadêmica, perpassando vários momentos de produção/interação conjuntas ou em diálogo.

Do referencial para onde me movi, os círculos concêntricos (ou descêntricos) do pensamento bakhtiniano, entendo a constituição de sujeitos como um encadeamento, uma corrente enunciativa de acontecimentos, nos quais, a partir dos quais, com os quais

esses sujeitos, junto a outros sujeitos, em direção a eles, dialogando tensamente com eles, se interconstituem, intersubjetivamente, mutuamente.

Há no sujeito construído aqui pela textualização (enquanto enunciado, sempre) uma percepção de uma luta e de um não-álibi para com concepções de sala de aula, formação de professores, pesquisa e perspectivas de trabalho institucional no âmbito universitário que nunca prescindiram de se afirmar como atos políticos por serem, inescapavelmente, oportunidades de posicionamento no mundo.

Sua memória de futuro, percebida a partir de um olhar junto que eu, como sujeito que agora escrevo e como sujeito que se lembra ter participado de vários momentos desse sonho e dessa luta, sempre foi a de acreditar em hierarquias menos rígidas, na condição de sujeitos (se) pensarem (n)o mundo, para além dos rótulos – ou como ele sempre diz alegoricamente – dos *pedigrees* que são exigidos para legitimar a escuta.

Minha memória do passado foi um exercício – felizmente ainda inacabado – de olhar retrospectivamente para essa estrada que a experiência profissional, o vivenciar acadêmico e a possibilidade temporal de envelhecendo, poder olhar para trás como se fosse um plano de câmera mais aberto, mais panorâmico.

E digo, feliz, porque com muita justiça esse dossiê está sendo organizado com o sujeito homenageado em vida. Concluo, provisoriamente, com a esperança e a certeza de que este texto possa ser mais uma ocasião de diálogo com o colega, amigo, cúmplice de projetos e crenças acadêmicas e éticas, João Bôsco Cabral dos Santos.

Em meio a sua merecida aposentadoria, seremos vozes zumbidoras a lhe provocar, a lhe devolver as provocações reflexivas que nos fazem responsáveis, sem álibi no existir, no pensar e no fazer, sujeitos interconectados nesses acontecimentos que nos permitem, juntos, saber (do) existir.

Referências

AMORIM, Marília. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. *Revista BAKHTINIANA*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1o sem. 2009.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio. Atos responsáveis e intersubjetividade: uma trajetória acadêmica de fazer junto. Dossiê em homenagem ao Professor Dr. João Bôsko Cabral dos Santos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p. 27-40, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução do russo para o inglês de Vadim Liupanov. Tradução didática para o português de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Mimeo. 2010.

BUBNOVA, Tatiana. *Bakhtiniana*, São Paulo, 6 (1): 268-280, Ago./Dez. 2011.

FERREIRA-ROSA, Ismael. *Processos de subjetivação e percursos de sentiduralização na discursividade literária em Lygia Fagundes*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Mimeo. 2013.

SANTOS, João B. C.; VILLARTA-NEDER, Marco A.; SCHINELO, Rosimar F. *GAESI: Educação em Interdisciplinaridade*. Revista Athos & Ethos, Patrocínio/MG, v. 001, p. 295-318, 2001.

SANTOS, João B.C. Um olhar epistemológico sobre a memória acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG. In MACHADO, Ida L.; SANTOS, João B.C.; MENEZES, William A. (org.s). *Movimentos de um percurso em análise do discurso: memória acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

SANTOS, João B.C. *Por uma teoria do Discurso Universitário Institucional*. Tese de Doutorado. FALE/UFMG, 2000b.

SANTOS, João B. C. Reflexões discursivas em torno da essência sêmica dos enunciados e seu uso no ensino da produção escrita. In MARI, Hugo (org.). *Categorias e Práticas de Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso. FALE/UFMG, 2000a.

VILLARTA-NEDER, Marco A. *Dizeres e fazeres como enunciados*. Mimeo, 2019.

Recebido em junho de 2019.

Aceito em agosto de 2019.